



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2017

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

SECÇÃO A ROMANCE / NOVEL

O último voo do flamingo, Mia Couto

PERGUNTA 1

1.1 O narrador é o intérprete, um elemento do povo com conhecimento da língua portuguesa e da língua africana local, que se intitula de tradutor. O narrador é homodiegético na medida em que é participante dos acontecimentos, porém sem ser a personagem principal.

1.2 Atendendo ao conhecimento da língua veicular da região e da língua portuguesa, o narrador é um elemento híbrido por participar das duas culturas. Nele abrem-se dois espaços culturais: o da região e o que se liga à língua portuguesa. Detém um papel importante porque, atendendo a essa transversalidade, é o tradutor das culturas, aquele que faz compreender a Massimo Risi a cultura local que se vincula à língua africana da área. É ele que recupera as vozes tradicionais e as daqueles que não têm voz.

1.3 Os pássaros que se destacam são os flamingos, protagonizados no título do romance.

O pássaro simboliza a inteligência, a sabedoria, a leveza, o divino, a alma, a liberdade, a amizade. Por poderem voar, em muitas culturas são considerados mensageiros entre o céu e a terra. Para os celtas, simbolizavam os mensageiros dos deuses, os auxiliares dos deuses, por isso são considerados símbolos de liberdade. Os pássaros a voar simbolizam a liberdade, a independência (por oposição ao pássaro engaiolado). O flamingo é um símbolo da alma em ascensão para o encontro com a luz, símbolo da alma que está a deixar as trevas em direção à luz (Dicionário de Símbolos).

A partida dos flamingos cinde a identidade do país explorado pelos próprios moçambicanos e direcionado do exterior. O seu regresso traria a felicidade e prosperidade que voltariam a unir a identidade dividida. O povo anseia pelo seu regresso visto eles serem os enunciadores da esperança.

1.4 A chuva antiga que continuava a cair representa a situação estacionária vivenciada pelo povo, conotando a falta de iniciativa para se revoltar contra a situação abusiva criada pelo administrador, a primeira dama e o filho. A «chuva nova, recente, acabadinha de estrear» que faria «cambalhotar» o «mundo» representa a nova época de esperança que traria a prosperidade e felicidade restauradas por uma possível revolta.

1.5 A «teimosia» do pai representa a eterna resistência contra a exploração tal como «uma raça inteira» o fizera face à colonização, um povo vivendo a sua cultura e resistindo «contra o tempo dos outros», a imposição de uma outra cultura e identidade. Nesse momento o pai simboliza toda a raça negra, a sua persistência e reivindicação, sentado no chão, a cadeira que a raça negra continua, de uma maneira geral, a utilizar visto fazer parte integrante da cultura. Aqui se constata o vínculo entre espaço → língua → cultura → identidade.

- 1.6 A resposta deve centrar-se na exploração, no abuso de poder e na corrupção da figura ao mesmo tempo que as afirmações devem ser substantiadas com exemplos textuais.
- 1.7 Metáfora. Os fantasmas são os vultos esbatidos dos flamingos à beira mar, parecendo figuras etéreas na escuridão, daí a sua expressividade. A resposta deve ser mais elaborada.

OU

PERGUNTA 2

Deve iniciar-se pela situação de intérprete → tradutor. A situação deriva da diferença cultural devido ao surgimento, nele, de uma outra cultura, uma cultura híbrida; este novo espaço cultural que se abriu no narrador é resultante do cruzamento de duas culturas, a portuguesa e a africana, sendo nesta ótica que a figura deve ser analisada. Figura com conhecimento de duas línguas e culturas e por isso apto a saber interpretar e explicar, isto é, a «traduzir» cada uma delas ao estrangeiro que vem investigar a explosão dos soldados das Nações Unidas.

SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO / DRAMA

Deus lhe pague, Joracy Camargo

PERGUNTA 3

- 3.1 O Senhor explora a inocência e simplicidade de Maria, a esposa de Juca, e consegue que ela lhe mostre os desenhos do invento numa visita anterior. Rouba-os sem que ela se aperceba.
- 3.2 Juca, na terceira fala, deseja afastar a importância do projeto em que trabalhava da mente do Senhor visto desconfiar das suas intenções. Por isso o minimiza.
- 3.3 É óbvio que o alarme de Juca revela o conhecimento que a classe operária tem dos seus patrões. Ele admira-se e não compreende que o Senhor conheça detalhes do invento que não mostrara a ninguém. Houvera uma falha que, no momento do ato ilocutório não sabe explicar, e por isso se assusta com receio das intenções do patrão, que não tinha por hábito visitar os empregados. A visita e o conhecimento da abrangência do invento não prenunciava nada de bom.
- 3.4 3.4.1 B – que o patrão se impõe pela ameaça
- 3.4.2 B – a servilidade tradicional do operário a que era difícil escapar
- 3.5 A – prepotência
- 3.6 C – a exploração do fraco pelo forte
- 3.7 Resposta livre que deve evidenciar a desonestidade do patrão que certamente nada pagaria a Juca.
- 3.8 Deve-se focar a desonestidade, a corrupção, o aproveitar-se de pessoas simples e ignorantes, o abuso de autoridade, o processo sujo com que se apoderou dos planos do tear, etc.
- 3.9 3.9.1 Indicam surpresa.
- 3.9.2 Indicam que não deseja revelar que fábricas o contactaram, ou que talvez as mencione para se elevar aos olhos do patrão. Ao mesmo tempo, conotam a importância do tear.
- 3.9.3 As reticências conotam as interrupções de fala, que se presume serem mansas, de forma a melhor convencerem Juca.
- 3.9.4 As reticências são acusatórias, uma acusação implícita ao homem que pretendia apoderar-se do que não inventara.
- 3.9.5 Uma suave acusação.
- 3.9.6 Manipulam o pensamento de Maria, deixando lugar aos sonhos de riqueza.

OU

PERGUNTA 4

Não se pode dispensar a abordagem de diversas partes da obra, principalmente as que aludem à consciência pesada das pessoas importantes que, ao deixarem cair as moedas e ao ouvirem a expressão ‘Deus lhe pague’, ficam convencidas de que serão perdoadas e assim poderão continuar com os seus comportamentos perversos. Deve realçar-se o comportamento de várias personagens.

SECÇÃO C CONTO / SHORT STORY

«O Tesouro», de Eça de Queirós

PERGUNTA 5

- 5.1 Os três irmãos vivem nas piores condições de miséria no palácio em ruínas, condições tão precárias que são comparados a animais selvagens. No inverno dormem na estrebaria para terem o calor dos cavalos, comem pão esfregado com alho. Espera-se um pouco mais de desenvolvimento.
- 5.2 Numa manhã de primavera, ao andarem pelos arredores, encontraram um cofre árabe, com três chaves, cheio de moedas de ouro.
- 5.3 Ficam desejosos de poder gozar de uma vida de bem estar e luxo. Combinaram dividir por igual o tesouro encontrado, porém gerou-se, de imediato, a desconfiança entre os três. Cada um deles ficou com a sua chave. Guanes foi à vila comprar três alforjes para levarem as moedas de ouro para casa a coberto da noite.
- 5.4 Deve notar-se que Rui pensou logo matar os irmãos e que manipula Rostabal para que mate Guanes. Falta de moral e de amor fraterno.
- Se os candidatos caracterizarem Rostabal, dever-se-á focar que é facilmente manipulado por não ser muito esperto.
- 5.5 Há duas descrições: no primeiro parágrafo, que estabelece o contraste entre a ferocidade dos irmãos e a beleza e paz da natureza. A segunda é quando se levantam do pilar e as suas passadas fortes fazem silvar a relva, conotando a ameaça. A descrição deve centrar-se nos verbos, nos adjetivos utilizados e nos advérbios e seus significados contextuais e em relação aos irmãos.
- 5.6 Há a maior discordância. Natureza paradisíaca em oposição à selvajaria dos irmãos. Espera-se um pouco mais de desenvolvimento.
- 5.7 A utilização do verbo rosar animaliza os irmãos, intensificado pelo advérbio furor, assim referindo-se ao carácter brutal de Rostabal.
- 5.8 Quem tudo quer tudo perde.

OU

PERGUNTA 6

Reflexão sobre a natureza humana. Deve ser explorada a atmosfera em que os três irmãos cresceram, relacionando com o carácter dos três, a falta de amor fraterno e a falta de moral.

No séc XVIII, deu-se um grande desenvolvimento das ciências biológicas e físico-químicas e nesta linha desenvolveu-se a ideia de que o mundo moral e intelectual do homem apenas se poderia explicar através da ciência. A tudo se poderia dar uma explicação racional. Valorizava-se o rigor concreto da observação, sendo o homem também objeto de observação racional.

Tudo tem influência no carácter, no comportamento, nas escolhas, nas atitudes humanas, nas suas reações: a hereditariedade, a atmosfera em que se cresce, os traços morais dos familiares mais próximos, as particularidades educacionais e outras do meio em que se nasce, cresce e desenvolve.

A serra é descrita em toda a sua aspereza e inclemência e nela situava-se o Paço de Medranhos. A aspereza e a dificuldade de vida na serra acentuam o isolamento em que os três irmãos viviam. Os lobos vivem nas serras e os três irmãos são como lobos que lutam pela sua sobrevivência. Neles prevalece o instinto, tal como nos animais.

O Paço de Medranhos afigura-se a um castelo na mais completa ruína acentuando a falta de meios dos irmãos. Sem telhado, sem vidros, sem uma lareira que os protegesse do frio, é descrito de um modo muito negativo estendendo-se essa negatividade aos três irmãos. A ruína do castelo espelha a ruína moral dos três irmãos, que se distinguem pelo seu egoísmo, inveja, ganância, cobiça. Estes traços conduzem rapidamente à traição.

O ambiente em que tinham crescido e viviam contribui para moldar os seus caracteres e para a corrupção da sua mente. Vivem na mais extrema miséria e ao encontrarem o tesouro revelam-se todos os defeitos já apontados.

A falta de amor entre os três prevê que seriam capazes de tudo para melhorar a situação, mesmo à custa da desventura dos outros, dos próprios irmãos. «E a miséria tornara estes senhores mais bravios que lobos.»: esta comparação realça a falta de carácter e a falta de moral dos três irmãos. A citação é um aviso de que era preciso ter cuidado, pois são considerados selvagens, bárbaros e, conseqüentemente, são capazes de tudo. São desumanizados.

Não há uma única referência aos progenitores, deduzindo-se que os três irmãos tenham crescido sem qualquer guia moral e espiritual. Não há sequer amor entre eles. Longe de aglomerados de pessoas civilizadas, desenvolveram-se de forma indisciplinada, sem regras, sem parâmetros.

Conclui-se que a luta pela sobrevivência numa serra áspera, de invernos rigorosos, a falta de educação moral transmitida pelos pais, a ausência de exemplos morais, a falta de instrução contribuíram para o carácter dos três irmãos que acabaram por se matar uns aos outros.

SECÇÃO D POESIA / POETRY

PERGUNTA 7

«Aniversário», de Álvaro de Campos

Apresenta-se uma breve interpretação do poema contendo os pontos que devem ser abordados.

Considerações sobre o poema

Escrito em 1929, portanto já um poema de maturidade de Pessoa, o poema "Aniversário" pode certamente contar-se entre os poemas mais tristes e simultaneamente pungentes de toda a obra do poeta. [...]

O poema "Aniversário" enquadra-se precisamente na última fase do poeta, a fase dita "pessimista", em que os temas abordados por Campos voam em redor da sua desilusão com a vida, com a amargura e a lembrança de um passado ao qual nunca mais poderá regressar

"Aniversário" é marcado por essa recordação da infância. " Nesse "tempo" festejar os anos era ainda uma festa inocente e feliz

Tudo isto na "casa antiga", na casa de infância. Talvez a casa do Largo de S. Carlos, ao Chiado, onde nasceu.

Esse tempo passado é um tempo feliz, mas simultaneamente um tempo perdido, porque as crianças não sabem que são felizes, só mais tarde quando recordam. Tudo isso se perdeu. Perdeu-se "o menino".

"O que eu sou hoje é terem vendido a casa,/É terem morrido todos,/É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio..." Há uma grande desilusão nestas palavras. A infância perdeu-se para nunca mais regressar e, hoje, o poeta sente essa perda como a perda da sua identidade feliz. Ele apenas sobrevive, como "um fósforo frio", ou seja, o presente é um tempo degradado, de ausência, de perda, de vazio, sem sentido.

Campos deseja reatar o fogo apagado," comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!", mas é um desejo impossível. Ele sabe-o quando diz:

Pára, meu coração!/Não penses! Deixa o pensar na cabeça!"

Deixar de pensar é, em Pessoa, alcançar a paz dos simples de espírito, daqueles que vivem simplesmente a vida. Um objetivo que paradoxalmente sempre perseguirá, sendo, ao mesmo tempo, o maior dos poetas racionais.

<https://sites.google.com/site/apontamentoslimareis/aniversario>

(Texto com supressões e leves alterações)

Os candidatos terão ainda de abordar a mancha gráfica, incluindo a pontuação e os versos brancos.

OU

PERGUNTA 8

«Romance das pérolas», de Afonso Lopes Vieira

- 8.1 Afonso Lopes Vieira relata o drama vivido pelas mulheres dos navegadores que partem para as descobertas, enfrentam mares alterosos e desconhecidos. A natureza é apresentada como um ser vivo que contraria a vontade dos homens. Muitos perecem nos naufrágios. As mulheres esperam em vão o regresso dos pais, filhos, maridos, noivos e namorados. Esperam-nos nas praias, de olhos presos no horizonte. Choram lágrimas amargas que rolam para os mares. São lágrimas de dor e de amor, tão valiosas como pérolas.
- 8.2 O contexto é o do tempo das navegações de expansão europeia e as dificuldades causadas às famílias que ficavam na pátria. Foca-se o sofrimento dos navegantes sujeitos a inúmeras intempéries e o desconhecimento da sua condição. Uma vez afastados de terra, estavam entregues a si próprios, sem haver qualquer comunicação com as famílias. Podiam morrer em algum naufrágio ou luta e as famílias de nada saberiam. Desconhecer se os seres amados estão vivos ou mortos causa as inúmeras lágrimas das mulheres.
- 8.3 O vento e as ondas funcionam como força independente da vontade dos seres humanos, submetendo-os à sua própria vontade, como se fosse um castigo por os navegantes se atreverem a navegar em territórios exclusivos e desconhecidos. O vento e as ondas divertem-se com o medo e o desespero dos seres humanos.
- 8.3.1 Personificação.
- 8.3.2 e o vento doido, cavando,/cavando nas águas bravas,/põe-se, rindo e assobiando,/sobre o mar às enxadadas.
- 8.4 As vírgulas que terminam quase todos os versos (instituindo pausas fortes), bem como no meio de alguns versos, destacando adjetivos e gerúndios, confere um ritmo lento que intensifica o sofrimento tanto dos navegadores como das mulheres que os esperam em vão, ao mesmo tempo que provocam a comiseração dos leitores visto que os obriga a deterem-se no significado dos verbos, substantivos e adjetivos. O ritmo binário ascendente que predomina em quase todo o poema contribui igualmente para realçar o sofrimento das mulheres que protagonizam a composição poética:

Nas praias do mar // chorando

- 8.5 O binómio temporal é marcado pelos tempos verbais: nas três primeiras estrofes o verbo chorar encontra-se no presente: *choram lágrimas salgadas*. Nas restantes, o verbo ‘desesperar’ e ‘voltar’ encontram-se no passado, prenunciadores da perda de esperança: *desesperaram, espr’ando/aqueles que não voltaram*. É só quando as mulheres se compenetraram de que os seres amados não voltarão que as lágrimas se transformam em pérolas.
- 8.6 Para alguns linguistas, o gerúndio é uma forma adverbial do verbo e expressa a continuidade da realização da ação. No contexto do poema, por um lado prolonga a duração das tempestades e do sofrimento dos navegantes, e, por outro, alonga a espera das mulheres e o seu sofrimento também.
- 8.7 As pobres mulheres não deixam as praias de onde partiram ou as praias onde pensam que os seres amados chegarão. Aí desfiam as suas lágrimas, quer esteja bom ou mau tempo. Ao caírem na frialdade das águas marítimas, as lágrimas transformam-se em pérolas, deste modo atribuindo-se-lhes o valor de jóias, de algo inestimável porque tiveram origem no amor. Essas jóias nascidas com o sofrimento, porém, serão usadas pelas mulheres que nada sofreram.

Total: 70 marks